

LEITURA COMO DESVELAMENTO DO ENTRE-SUJEITO: ENTRE O EXÍLIO E A IMIGRAÇÃO

Nina Jacomini Costa¹

Resumo: Silviano Santiago delinea a figura do escritor latino-americano como uma imagem que se movimenta entre o modelo europeu e a expressão transgressora americana. Nesse sentido, o que se propõe neste trabalho é a leitura de *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, e de *Em estado de memória* (1990), de Tununa Mercado, sob as lentes da categoria do *entre-lugar* de Silviano Santiago. Num duplo movimento de aproximação e afastamento, os símbolos das distintas nacionalidades dos autores e da representação dos lugares do imigrante e do exilado, respectivamente, serão ressaltados durante as análises.

Palavras-chave: *Entre-lugar*; Exílio; Imigração; Milton Hatoum; Tununa Mercado.

Abstract: Silviano Santiago traces the figure of the Latin American writer as an image that moves through the European model and the transgressive American expression. Thus, what is proposed on this study is the interpretation of *Relato de um certo Oriente* (1989), by Milton Hatoum, and of *Em estado de memória* (1990), by Tununa Mercado, under the view of the *entre-lugar* category (*in-between-places*) by Silviano Santiago. In a double movement of approach and distancing, the symbols from the writers different nationalities and the representation of the immigrant's and exiled's places will be, respectively, highlighted during the analysis.

Key-words: *Entre-lugar*; Exile; Immigration ; Milton Hatoum; Tununa Mercado.

O entre-lugar geográfico: migrações e exílios

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem ser peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (SANTIAGO, 2000, p. 16)

Durante a década de 1960, procurou-se produzir na América Latina uma “teoría nuestra”, que tivesse por base os movimentos constitutivos desse *outro* lugar. Nesse contexto, por mais que não se tenha atingido seu objetivo maior, criaram-se categorias críticas para leitura dessa *outra* realidade, como a noção de *transculturación*, *heterogeneidade* e *entre-lugar*.

¹ **Nina Jacomini Costa** é estudante de Letras, com habilitação em Português e Espanhol, pela Universidade de São Paulo. Desde o ano de 2011, desenvolve a pesquisa de iniciação científica “Linguagem e Imagem: o neobarroco latino-americano em Néstor Perlongher”, orientada pelo Prof. Dr. Júlio César Pimentel Pinto Filho. <nina_jacomini@yahoo.com.br>.

Oposta à noção de *aculturação*, que revela caráter passivo no processo de dominação de uma cultura sobre a outra, a *transculturação* afirma-se pelo duplo movimento de “desculturação”, que por certa noção de “plasticidade cultural” propõe também uma “reculturação”; “habría pues distinciones, reafirmaciones y absorciones” (RAMA, 1974, p. 18) no artifício da *transculturação*. Parecendo apropriar-se do método dialético hegeliano, Angel Rama propõe a releitura do conceito de *transculturação* como síntese harmoniosa entre o interno e o externo, no âmbito do pensamento humano e da realidade vivenciada. Em seu artigo “Mestizaje, transculturación, heterogeneidad” (1994), Antonio Cornejo Polar questiona o achatamento histórico e cultural que tal teoria parece propor à realidade latino-americana, perguntando-se se a *transculturação* não seria “el dispositivo teórico que ofrece una base epistemológica razonable al concepto de mestizaje” (CORNEJO POLAR, 1994, p. 369).

Me parece claro, sin embargo, que prevaleció y prevalece una ideología salvífica del mestizo y el mestizaje como síntesis conciliante de las muchas mezclas que constituyen el cuerpo socio-cultural latino-americano. (CORNEJO POLAR, 1994, p. 368).

Ainda que assumindo haver maior sofisticação e uma *notável atitude hermenêutica* no trabalho de Ángel Rama, Cornejo Polar lê a *transculturação* como uma síntese superadora das contradições próprias de seu nascimento. Nesse sentido, ainda no mesmo artigo, o crítico peruano afirma a necessidade de criação de um outro dispositivo teórico “que pudiera dar razón de situaciones socio-culturales y de discursos en los que las dinámicas de los entrecruzamientos multiples *no* operan em función sincrética sino, al revés, enfatizan conflictos y alteridades” (CORNEJO POLAR, 1994, p. 369). Para tanto, Cornejo Polar propõe como chave de leitura a noção de *heterogeneidade*.

Possivelmente, após a leitura do artigo de Aníbal Quijano sobre a categoria crítica de “heteogeneidad estructural”, Cornejo Polar formula sua teoria segundo a perspectiva de uma América Latina plural, conflituosa e até mesmo contraditória². Aplicada esta noção ao âmbito cultural e literário, o que segundo o crítico se pretende discutir é a *função representativa* da realidade, que nos leva a reconhecer certa proximidade com o pensamento lukacsiano, que tendo em vista a *teoria do reflexo*, afirma como primeiro passo para a prática da criação do conhecimento, e da criação artística, a aceitação sobre a existência de um mundo exterior independente, uma realidade objetiva da qual a

² Cf. SOBREVILLA, 2001.

consciência humana se apropriará como reflexo parcial, posteriormente³. Para Cornejo Polar, “en América Latina no hay una sola literatura sino genuinos sistemas literarios con sujetos, tiempos y espacios distintos, por lo que se plantean entre ellos relaciones contradictorias” (SOBREVILLA, 2001, p. 26).

Levando em consideração também o conceito de *hibridez*, de García Canclini, Cornejo Polar tenta distanciar-se um pouco das instâncias sincréticas, sem tampouco adotar a precária noção de *temporalidade situacional*. Assim, o crítico afirma sua categoria de *heterogeneidade* segundo a construção de uma arte reflexiva, debruçada sobre o caráter de multiplicidade, conflito e contradição da formação da sociedade e da literatura latino-americana.

En una primera versión el concepto de heterogeneidad trataba de esclarecer la índole de procesos de producción discursiva en los que al menos una de sus instancias difería, en cuanto filiación socio-ático-cultural, de las otras. Más tarde “radalicé” mi idea y propuse que cada una de esas instancias es internamente heterogénea. Es claro que categorías como las de intertexto (o mejor: interdiscurso, para evitar los problemas relativos al cruce de oralidad/escritura) o dialogismo (en términos de Bajín no todo diálogo es dialéctico) permitirán afinar esta perspectiva. También lo es que se requiere problematizar intensamente la condición histórica de la heterogeneidad (...). (CORNEJO POLAR, 1994, p. 370)

Discutindo o lugar de instabilidade do escritor latino-americano, Silviano Santiago elabora sua teoria do *entre-lugar* ao ver na potência de contraposição, um lócus de enunciação. Recuperando o período colonial, o crítico coloca em evidência o trato com as tensões culturais, linguísticas, sociais e políticas na produção literária.

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Nessa mobilidade que prevê aproximações e contraposições, o estranhamento e o deslocamento parecem se revelar como imagens fundamentais. No âmbito da linguagem, o desconforto quanto à inexactidão na troca de ideias; “se entre os europeus aquele significante [índio] exprime um desejo de expansão, entre os americanos, sua tradução marca a vontade de estabelecer os limites da nossa pátria, uma nova forma de contração” (SANTIAGO, 2000, p. 23). Sobre a produção literária, a suspeita e

³ Cf. LUKÁCS, G. “Arte y verdad objetiva” em _____. Problemas del Realismo. México/ Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1966.

transgressão durante a apropriação do modelo europeu – a *forma-prisão* do escritor latino-americano, sempre canônica e vinda de fora –; “a escritura do segundo texto é em parte a história de uma experiência sensual com o signo estrangeiro” (SANTIAGO, 2000, p. 21). E quanto ao papel do leitor, lembrando a teoria de Barthes, afirma uma posição ativa na tomada de seu espaço, entre o texto legível e o escrevível;

O texto legível é o que pode ser lido, mas não escrito, não reescrito, é o texto clássico por excelência, o que convida o leitor a permanecer no interior de seu fechamento [fixidez]. Os outros textos, os escrevíveis, apresentam ao contrário um modelo produtor (e não representacional) que excita o leitor a abandonar sua posição tranquila e a se aventurar como produtor de texto [mobilidade ativa]. (SANTIAGO, 2000, p. 19).

Assim, a figura do leitor aparece como metáfora exemplar do lugar incerto do sujeito latino-americano. Aqui, o sujeito revela-se num entre-lugar histórico, entre o passado de sua origem e o futuro da modernidade europeia, num entre-lugar geográfico, entre a colônia europeia e a nação americana, mas acima de tudo num entre-lugar ativo de interpretação de sua realidade, o próprio lócus de enunciação.

“entre-lugar”, o lugar de observação, de análise, de interpretação não é nem cá, nem lá, é um determinado “entre” que tem que ser inventado pelo leitor. É capital, em tudo que penso, o leitor como manipulador de objetos. E esse leitor é que fica “entre”, entre o canônico e a cópia⁴. Esse leitor, portanto, é capaz de ler e interpretar o que é a transgressão. Sem essa leitura da transgressão, ou bem nós fazemos alguma coisa que achamos original, mas no fundo não o é, ou a gente faz cópia-cópia, e acredita estar dando uma grande contribuição. (SANTIAGO, 2004 – em entrevista).

Sob um caráter de insubordinação, inquietude e com total consciência, o escritor é para Silviano Santiago um leitor do texto escrevível, que toma a forma-prisão num jogo que brinca com o modelo canônico para “organização de sua própria escritura” (2000, p. 20). “O escritor trabalha sobre outro texto e quase nunca exagera o papel que a realidade que o cerca pode representar em sua obra” (SANTIAGO, 2000, P. 20), levando em consideração e questionando sempre as múltiplas formas de exclusão no processo da formação de uma nação partida – seria a nação moderna por excelência?

O sujeito de um entre-lugar literário

O lugar migrante: observações sobre *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum

⁴ “(...) quando eu falo de cópia, estou usando a palavra “cópia” no sentido de transgressão a alguma coisa, não é a cópia xerox. A cópia repete em diferença. E o que conta nessa repetição em diferença é exatamente a diferença, e não a repetição”. (SANTIAGO, 2004 – em entrevista)

Tive a impressão de que remar era um gesto inútil: era permanecer indefinidamente no meio do rio. Durante a travessia estes dois verbos no infinitivo anulavam a oposição entre movimento e imobilidade.
(HATOUM, 2006, p. 124).

Em meio a uma narrativa de trânsito e fixação, entre o ser e o estar, mobilizada pelo estabelecimento de uma família de imigrantes e o retorno à cidade da infância, a marca de uma voz pertencente a um entre-lugar se revela sob diversos aspectos no livro *Relato de um certo Oriente* (1989)⁵, de Milton Hatoum. No âmbito temático, duas histórias se entrelaçam para a formação de um contexto cambiante: recordações dos laços e relações estabelecidas por uma família de imigrantes libaneses e o reencontro com o mesmo espaço e as mesmas pessoas de tais relações, anos mais tarde – uma memória da infância da primeira geração nascida em terras brasileiras. Na travessia entre o *pertencer* e o *apropriar-se*, a narradora do livro lê as imagens de seu retorno por meio de lentes invertidas e oscilantes, entre o passado e o presente de um ambiente já transgredido por sua família – que elaborou um *outro* lugar, entre sua origem e seu destino. Trata-se de um espaço que não está nem de um lado nem de outro, *a terceira margem*⁶.

Quando abri os olhos, vi o vulto de uma mulher e o de uma criança. As duas figuras estavam inertes diante de mim, e a claridade indecisa da manhã nublada devolvia os dois corpos ao sono e ao cansaço de uma noite mal dormida (ibidem, p. 9).

No âmbito da composição, apropriando-se da realidade objetiva pela estratégia sensual de transgressão, Milton Hatoum já nas primeiras páginas constrói um ambiente de tom onírico, que entre os sentidos do sujeito e o diálogo com um outro-ausente, oscila entre o passado e o presente. Num entre-lugar do relato epistolar e do romance psicológico, o autor mistura vozes e focos narrativos, brincando com o leitor para deixá-lo desconfortável na tentativa de completar lacunas “incompletáveis”. Enquanto as cartas materializam a memória, o discurso psicológico coloca em xeque a transposição do memorável à escrita; “a problematização que o romance estabelece funda-se na área de contato entre essas duas instâncias [a linguagem e a memória], ou, antes, entre a face lacunar de uma e de outra, a insuficiência ou ponto de impossibilidade que há em uma e em outra” (FRANCISCO, s.d., p. 1).

⁵ A publicação da primeira edição deste livro ocorreu no ano de 1989, no entanto, fora utilizada neste trabalho um exemplar da sexta edição, do ano de 2006.

⁶ “Terceira margem do rio” (1954), Guimarães Rosa.

Trazendo à baila a tensão entre escrita e oralidade – mesmo que interna –, o pêndulo do livro movimenta-se entre os tempos passado e presente, a estrutura oral e a escrita e, ainda as tensões entre as culturas ocidentais e orientais. O crítico Davi Arrigucci Jr. comenta em nota da sexta edição do livro: “a narração remonta ao passado por lances retrospectivos, pela voz da narradora em que se encaixam outras vozes num coral coeso, lembrando a tradição oral dos narradores orientais” (2006). Na tessitura literária construída por Milton Hatoum, encontram-se os *registros históricos* de depoimentos e fatos, e também as criações ficcionais das histórias tradicionais.

O convívio com teu pai me instigou a ler *As mil e uma noites*, na tradução de Henning. A leitura cuidadosa e morosa desse livro tornou nossa amizade mais íntima; por muito tempo acreditei no que ele me contava, mas aos poucos constatei que havia uma certa alusão àquele livro, e que os episódios de sua vida eram transcrições adulteradas de algumas noites, como se a voz da narradora ecoasse na fala do meu amigo. (...) Às vezes, a leitura de um livro desvela uma pessoa. (ibidem, p. 79).

Como num texto que se abre e ao mesmo tempo se oculta, uma das vozes do livro descreve o movimento de aproximação com a família de libaneses por meio da literatura tradicional de *As mil e uma noites*, relato traduzido para outro idioma e, por tal mudança, criador de um diálogo. Em meio a um contexto de transição de ambientes – em seus aspectos espaciais, culturais e sociais – a ação transgressora sobre a palavra e no convívio com o outro se mostra fundamental para elaboração de uma terceira margem de contato. Apresentando-se e apropriando-se do outro, cria-se um novo lócus de enunciação. “Os fatos e incidentes também participavam das versões [das *Mil e uma noites*] confidenciais por teu pai aos visitantes da Parisiense.” (ibidem, p. 80).

Representando um local de trocas, criador de diálogos, a *Parisiense* surge no relato da narradora revelando a mistura de elementos culturais e linguísticos:

Essas reuniões continuaram na casa nova, mas foi na Parisiense que me deparei com sua existência. A conversa era exclusivamente em árabe, salvo os cumprimentos de algum transeunte conhecido, ou a visita de um ou outro vizinho, alguns deles estrangeiros. (ibidem, p. 59).

Por meio da memória, a personagem parece reviver as situações presenciadas em sua primeira casa, na qual se encontrava também o comércio da família. Se por um lado este é um forte ambiente de memórias de sua formação – do passado e do presente que se materializa na entre-narrativa –, de outro, é também um lugar de passagem, no qual intercâmbios de todos os tipos se objetivam pela compra de objetos e pelo diálogo.

Além disso, a casa, por seu caráter múltiplo, é apresentada também de forma ambígua, ao mesmo tempo revelada e ocultada.

As primeiras lições foram passeios para desvendar os recantos desabitados da Parisiense, os quartos e cubículos iluminados parcialmente por claraboias: o corpo morto da arquitetura. Sentia medo ao entrar naqueles lugares, e não entendia por que o contato inicial com um idioma inaugurava-se com a visita a espaços recônditos. (ibidem, p. 51).

Pelos diálogos indiretos estabelecidos entre as vozes narrativas do livro, o reconhecimento do espaço revela-se entrecortado pela concomitância no uso de línguas e religiões distintas. Se a família iniciou sua formação por meio de um acordo de respeito mútuo entre as religiões, foi também por conta de tal distinção que tiveram de abandonar a terra-natal. Num relato sobre uma família que busca integrar-se à nova realidade e ao mesmo tempo manter sua tradição, o índice religioso parece marcar de forma contundente as tensões geradas pelo movimento do entre-lugar imigrante.

Em meio ao convívio de índices árabes e cristãos, a narrativa revela os impulsos geradores dos movimentos de distanciamento e aproximação. Se a narradora sai de casa pelo sufocamento criado em meio aos eventos familiares – sensação multiplicada pela força do caráter de grupo numa realidade de imigração libanesa – de outro, as tensões familiares objetivam-se pelos índices religiosos, que se repelem pelas imagens e discursos e ao mesmo tempo se atraem pela marca da origem.

sem afastar o leque do rosto, passou a enumerar com uma voz carregada de ira e vexame os santos de gesso pulverizados, os de madeira quebrados barbaramente, a Nossa Senhora da Conceição espatifada e o Menino Jesus destroçado. Mas as iluminuras raras e preciosas que Emelie adquirira na península ibérica foram poupadas, bem como o oratório de caoba e a imagem de Nossa Senhora do Líbano; ambos continuavam intactos, alheios à fúria do meu pai durante o crepúsculo e uma parte da noite. (...) Imaginei-as sentadas no tapete cujo desenho lembrava o da Porta do Sepulcro (...). Elas não sabiam (talvez só meu pai soubesse) que naquele tapete onde catavam fragmentos de gesso e estilhaços de madeira para reconstruir as estátuas dos santos, a geometria dos desenhos simbolizava a criação, o sol e a lua, a progressão cósmica no tempo e no espaço, o ciclo das revoluções do tempo terrestre, e a eternidade. E bem no centro do tapete, num meio círculo desbotado pelo contato assíduo de um corpo agachado para orar, havia uma caixa ou um cofre que encerra o Livro da Revelação, representado por um pequeno quadrado amarelo. (HATOUM, 2006, p. 44).

O não-lugar do exílio: observações sobre *Em estado de memória*, de Tununa Mercado.

Tudo deste texto é singular: a voz narrativa não é exatamente testemunhal nem ficcional; os personagens que o habitam não são, na maioria, nem puras vítimas nem meros verdugos; sua visão da derrota da esquerda na Argentina não é nem arrependida nem nostálgica⁷.

Construindo um romance sobre memórias do exílio, Tununa Mercado elabora uma narrativa entrecortada por flashes de lembranças e partes de uma identidade fragmentada. Em meio ao processo de reelaboração discursiva, não linear, da experiência do exílio, a narradora conta seu percurso de retorno à Argentina; elabora-se um relato ao mesmo tempo memorialista e ficcional, “engajado e crítico do engajamento”⁸. Trata-se da concatenação de uma série de episódios que formam um romance, mas também podem ser lidos como contos independentes.

Nesse sentido, propõem-se neste trabalho a análise do capítulo “Casas” como texto representativo do discurso de Tununa Mercado e da imagem de *entre-lugar* do sujeito exilado. De maneira bastante direta, surgem nesse trecho índices do desarraigo promovido pela ditadura militar argentina, que movimentam o sujeito entre o pertencimento e a apropriação, entre o passado e o presente.

Por mais que me esforçasse para ficar nos lugares em que iria morar, eu sempre estava indo embora. Havia um prazo interno de partida que deixava margem para me instalar; e que era permanentemente prorrogado, pois eu ficava um longo tempo em muitos lugares, o que não significava inação. (MERCADO, 2011, p. 139).

A primeira parte do capítulo é responsável pela apresentação dessa condição cambiante do exilado, que quer viver o que está longe, mas vive o que está perto e não quer⁹. Tomando a casa como metonímia desse movimento, a narradora constrói o espaço com desconforto e até certa repulsa: “não aparecia em mim a vontade de pertencer a uma casa ou, melhor, de fazer minha a casa que ocupava” (ibidem, p. 139). O estado de precariedade e desarraigo parece representar todas as relações, quer seja no âmbito espacial ou interpessoal:

Meus familiares tampouco eram sentidos por mim como meus, e, sobretudo, eu os sentia menos meus, quando tentavam me convencer de que tudo o que estava ali era meu e deles, era de todos nós e de que havia sido adquirido com o esforço e a existência de todos, mas não conseguiam me resgatar do estranhamento. (ibidem, p. 140).

⁷ Idelber Avelar em comentário sobre o livro, na primeira edição em português da obra (2011).

⁸ Ibidem.

⁹ Referente ao depoimento de José Maria Rabêlo (CAVALCANTI & RAMOS em MINHOZ, 2006, p. 30).

Provocando a angústia do não-pertencimento, a oscilação entre o não-ser e o não-estar leva a narradora à criação de um terceiro espaço, um espaço idílico; “a vida precária e provisória era talvez *a que correspondia à forma de meu desejo*” (ibidem, p. 140). Se o desejo era o que condicionava suas novas relações, parece-nos que foi o não-desejo que a impulsionou a entrar nesse jogo. Enquanto a Ditadura rompia com os laços afirmativos, criava-se em contrapartida os laços de negação e para sobrevivência de um *eu*, fez-se a *terceira margem*: “a casa que me continha e que continha meu ser, meu andar, *plantou-se* nesse mundo [dos desejos] e fez-se com bases largas: foi uma espécie de plataforma de lançamento” (ibidem, p. 141).

Assim, a segunda parte do capítulo desenvolve-se em tom onírico. Relembrando sonhos que se desvelam na mescla do passado e do presente, a narradora desenha casas que misturam memórias da infância com alucinações em Escher e imagens amedrontadoras de leitura do real. “A transumância e o despojamento apareceram, então, pela primeira vez em toda a sua magnitude, como dados da realidade até aquele momento ignorados.” (ibidem, p. 142).

A casa da infância se transformava em uma prisão da qual só é possível sair com o uso da razão, que deveria romper com os caminhos conhecidos; “Sonhei que, na cozinha dessa casa, havia uma grande jaula pendurada no teto, na qual revoavam alguns pássaros. Essa jaula não tinha chão, mas os pássaros chocavam-se contra as barras e não atinavam a fugir, condenados à prisão.” (ibidem, p. 141). Nos pesadelos, os espaços de uma casa imaginária se duplicam e parecem circulares, causando a exaustão e colocando o sujeito em desconforto num caminhar sem motivo; “A casa reduplicava seus espaços, as paredes iam até em cima, e o teto fazia-se oco na direção de um funil invertido, pelo qual minhas melhores energias escapavam. (...) era uma grande esfera em cujo interior eu estava condenada a rodar pela eternidade” (ibidem, p. 141-142). Quanto à casa de retorno à Argentina, apresenta-se como um retrato presente e futuro de um lugar passado desconstruído, recordações que se desfazem e refazem em imagens de medo e de novo não-pertencimento;

Depois, a questão foi pensar na casa do regresso, a que haveríamos de ocupar na Argentina. Então, mal se tornou evidente, depois de 13 anos, que havíamos perdido nossa casa de Buenos Aires em 1974, que essa casa levava a evocar, além do mais, todas as casas anteriores que havíamos abandonado.

(...) Mesmo agora, depois de anos morando nele [no quarto], ainda descubro, ao acordar, que tenho estado atenta aos ruídos difusos

acolchoados de uma vida secreta detrás de uma porta ou que percebi chamadas de um espaço entre o muro e a alcova, um entremeio que dá conta de outra realidade. (Ibidem, P. 142 – 143).

Num entre-lugar do tempo e do espaço, o exílio afirma-se pelo sentimento de desconforto. E tendo a casa como metonímia para esse espaço entre o conforto e o desconforto, entre o pertencimento e o não-pertencimento, a apropriação e a não-apropriação, o não-ser e o não-estar, o passado e o futuro, Tununa Mercado parece desenhar um mundo fragmentado, oscilante e obscuro, desvelado e oculto, real e ficcional.

Essa casa possível, mais além dos muros verdadeiros, crescia, convidando-me a percorrer os corredores escuros e a subir escadas que, de repente, se partiam, como as galerias da própria existência. Então, os quartos ficavam isolados, fora de ordem e de série, mas eram atraentes, pois supúnhamos que neles estariam os objetos e os móveis perdidos. (ibidem, p. 142).

Considerações finais

El exilio se diferencia de la emigración voluntaria en algo esencial: el deseo. Aunque no sea de todo cierto, uno elige el instante de la partida y supone que también podrá fijar la fecha del regreso. El exilado, en cambio, es un expulsado, ignora si alguna vez podrá volver a su país, y su viaje posee las características de lo impuesto por la fuerza, de una injusta condena, de una sentencia sin término. (Horacio Salas (1976) *apud* MUNHOZ, 2006, p. 28).

Em *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, constroem-se imagens de um entre-lugar sob diversas ópticas. O imigrante que se encontra numa situação de apropriação e pertencimento de um outro lugar, cultura e língua revela-se em conflito em diversos momentos, uma imagem marcada principalmente pela representação do espaço da casa, configurado sob uma pluralidade linguística, religiosa e temporal, sempre elaboradas por uma voz entre a realidade e o sonho. Em Tununa Mercado, no livro *Em estado de memória*, a casa também é um espaço representacional do movimento entre o pertencer e o apropriar-se, aqui muito mais de desconforto do que de reelaboração do “ser”. Trata-se da narrativa de um sujeito exilado envolto em negações, entre o pertencimento e o não-pertencimento, a apropriação e a não-apropriação, o não-ser e o não-estar, o passado e o futuro, e que apenas se encontra e se reelabora no espaço idílico de seus desejos.

Analisando tais composições, verificamos então que o entre-lugar do exilado se configura de maneira próxima, mas quase inversa à situação do imigrante. Enquanto

este oscila entre o pertencimento e a assimilação de uma cultura a outra, aquele pende ao recorrente não-pertencimento: não se abre à apropriação do novo espaço por se ver num momento provisório, e tampouco pertence aos espaços deixados para trás – seja pelo distanciamento ou pelas mudanças nele impelidas. A negação, assim, parece definir o entre-lugar do sujeito em estado de exílio. Em depoimento, o ex-jornalista José Maria Rabêlo revela: “o exilado corre o risco de viver duplamente alienado: com relação ao que está longe, mas quer viver, e com relação ao que está perto e tem que viver mas não quer” (CAVALCANTI & RAMOS *apud* MUNHOZ, 2006, p. 30).

BIBLIOGRAFIA

ÁVILA, M. **As posições do discurso latino-americano**. Revista O eixo e a roda, v. 18, nº 2, p. 75 – 83, 2009. Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Eixo%20e%20a%20Roda%2018,%20n2/04-Myriam-Avila.pdf, acesso em novembro de 2012.

CORNEJO POLAR. "**Mestizaje, transculturación, heterogeneidad**" en "Documentos de trabajo: jornadas andinas de literatura latinoamericana (Jalla)-Tucuman, 1995" Revista de Crítica Literaria Latinoamericana, n. 40, 1994, pp.363-374

FRANCISCO, D. L. **Linguagem, memória, ruínas: Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum**. Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em%20Tese%2012/Linguagem.pdf, acesso em novembro de 2012.

GOMES, C. R. P. **Relato de um certo Oriente de Milton Hatoum: a construção inovadora de um romance brasileiro contemporâneo**. 2007. 109 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2007. Disponível em:

www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/35110, acesso em novembro de 2012.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2006.

LUKÁCS, G. “**Arte y verdad objetivas**” em Problemas del Realismo. México, DF: FCE, 1966.

MERCADO, Tununa. **Em estado de memória**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2011.

MIRANDA, C. E. O. **Silviano Santiago: ‘Literatura é paradoxo’**. Revista Trópico: dossiê – ficção. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2375,1.shl>, acesso em novembro de 2012.

MUNHOZ, S. C. do N. **Narrar a vida à margem: o exílio em La casa y el viento, del Héctor Tizón, En estado de memoria, de Tununa Mercado, e Rabo de foguete. Os**

anos de exílio, de Ferreira Gullar. 2006. 146 p. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RAMA, Ángel. "**Los procesos de transculturación en la narrativa latinoamericana**". Universidad Central de Venezuela, 1974.

SANTIAGO, Silviano. "**O entre-lugar do discurso latino-americano**" (1971) em *Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp. 9-26.

SILVA, L. S. Da. *A estética da cidadania em Relato de um certo Oriente de Milton Hatoum*. 2005. 100 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/5754>, acesso em novembro de 2012.

SOBREVILLA, D. *Transculturación y heterogeneidad: avatares de dos categorías literarias en América Latina*. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima – Hanover, ano XXVII, nº 54, p. 21 – 33, 2º semestre de 2001.

SOUZA, M. A. dos S. **O entre-lugar e os estudos culturais**. *Revista Travessia – Universidade Estadual do Oeste do Paraná*, v. 1, nº 2, 2007. Disponível em: http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/cultura/O%20ENTRE%20LUGAR%20E%20OS%20ESTUDOS%20CULTURAIIS.pdf, acesso em novembro de 2012.